

memórias



A Feira do Largo 2 de Julho no olhar e no ouvir de uma menina

1. Apresentação

A ideia consiste em trazer as memórias afetivas de uma criança baiana, soteropolitana, inserida na sociedade burguesa da época e que viveu as suas experiências ancestrais e culturais negras, ao frequentar semanalmente a feira livre do Largo 2 de Julho, na capital baiana. Essas experiências aconteceram por dez anos, a partir do ano de 1965.

2. Contextualização

Naquele período Salvador tinha o seu centro comercial entre a Praça da Sé e o Campo Grande, e faziam parte desse recorte comercial a Av. Sete de Setembro e a Rua Carlos Gomes. Não havia shoppings e sim grandes lojas ou os chamados magazines, como a Mesbla, Casas Pernambucanas, que eram redes nacionais, e as locais A Florensilva, O Cruzeiro, Duas Americas, O Adamastor, Os Gonçalves, Lojas Souto Maia etc.

Havia na cidade baixa os bancos, seguradoras, atacadistas, empórios, escritórios de contabilidade e advocacia, consultórios médicos etc., os chamados prédios comerciais.

No entorno desse centrão estavam escolas, conventos, bibliotecas, alguns bairros residenciais como Barris, Nazaré, Barra, Graça.

O abastecimento era garantido pelos armazéns e, aos sábados, pela Feira do Largo 2 de Julho, embora já contasse com o primeiro supermercado Paes Mendonça, numa primeira pequena loja, em Nazaré, desde dezembro de 1959.

Para a feira vinham pequenos produtores de todo o recôncavo, e dos subúrbios de Salvador, em sua grande maioria nos saveiros à vela e algumas poucas lanchas. Os feirantes eram majoritariamente negros e negras das mais diversas etnias, mas em maioria descendentes do povo banto, advindos de Angola e (da atual) República Democrática do Congo principalmente e a partir de 1580, falantes das línguas kimbundu e kikongo, além do povo nagô, falantes da língua yorubá, advindos do Golfo do Benin, a partir do meado do século XVII.

3. A Feira e a Menina

Todos os sábados pela manhã era ‘festa’. Era dia de feira no Largo 2 de Julho. Ao chegar na varanda de casa, na Rua Carlos Gomes, no alto, já via o movimento de pessoas que subiam a Ladeira da Montanha, vindas da ‘Baiana’ (Companhia Baiana de Navegação, na cidade baixa). Vinham de Itaparica, Mar Grande, Salinas da Margarida, Maragogipe, Cachoeira, São Felix, afinal, Salvador era abastecida pelo recôncavo baiano. E o transporte de produtos e passageiros era feito em massa pelos saveiros, com suas velas içadas. Um bailado de velas na Baía de Todos os Santos. Uma lindeza de se ver. E todo mundo se conhecia e sabia os nomes dos saveiros.

De Salinas vinham também as lanchas A Espera e a Albatroz, de Mestre Moreno, marido da comadre Aurora. A comadre (de mainha), sempre mandava presentes: carambolas, sapotis, jenipapos, abacates, jacas, além de siri mole, sarnambitinga (o famoso papa-fumo), sarnambi (lambreta)... E Báia, também comadre e lavadeira de ganho, era a portadora dos presentes.

Todo esse movimento de gente com seus balaios, trouxas de roupas, latas de gás (hoje são de tinta, aquelas quadradas, com tampa) na cabeça e o ‘conversê’ animado. Galinhas vinham de cabeça pra baixo com os pés amarrados e enfiadas em varas de madeira, apoiadas atrás do pescoço de quem as carregava. Bacias de alumínio também vinham cheias de frutas a serem vendidas na feira.

Boa parte dos que subiam a Ladeira da Montanha (ligação entre a cidade baixa e cidade alta) pra ir à feira, vindos da ilha, fazia parada estratégica lá em casa. Pra ir ao sanitário, beber uma água fresca, um cafezinho. Claro que cada um ou uma aproveitava pra já fazer uma primeira venda ou doar algo do que trouxe.

Sempre vinham também bilhetes mal escritos em papéis de embrulho pedindo emprego, remédio, doação de alimento, roupa usada, dinheiro emprestado. Todos dirigidos a mainha, que era comadre de ‘mei mundo’ de meninos e meninas da Ilha, local aonde sempre veraneou, desde criança. Sem contar a fila que se formava pra pedir a benção, que em Salvador sempre foi chamado de ‘tomar a benção’ (hábito ainda mantido pelos adeptos do Candomblé até os dias atuais).

Além de tudo isso, muitas mães traziam os afilhados e faziam queixas das desobediências, notas baixas... e a madrinha determinava o castigo. Esse era o costume da época. Vez por outra, mainha dizia: – comadre, deixe ele aqui por um tempo que vamos botar ele no jeito. Pronto. Essa sentença significava que, por uns bons meses, tínhamos que dividir espaços, atenções, doces, merendas, com mais um. Sempre acontecia isso com os meninos!

Enfim, diante da minha ansiedade mal disfarçada, mainha dizia: Elza Maria, pegue os ‘bocapiu’ (sacola de palha trançada) e vamos pra feira. Eu, com o coração aos saltos, abria o melhor sorriso e ia ajudar na feira. Na verdade, eu sentia imensa emoção. Achava a feira um parque de diversões e aprendizados, os mais variados.

Na feira quase nada era falta de educação. A gente podia comer sem lavar as mãos, comer de mão, chupar frutas e se melar, cuspir no chão, fazer xixi acocada atrás das barracas, sem levar bronca; provar farinha de todos os sacos abertos, arremessando com a mão; tomar ki-suco (o Tang da época); chupar ‘abafa banca’ – gelo feito de suco de fruta, com um palito enfiado no meio); provar lascas de charque; provar camarão seco (defumado); comer beiju de puba, de tapioca; acaçá doce e de milho; taboca e outras delícias!

Gente, os diálogos me inebriavam!

- Iya, a senhora já viu meu *caçule* (filho mais novo, em kimbundu)?

-Ôh Vado, pegue o *dilonga* (prato, em kimbundu) aí!

-Tata (pai), quanto é o *carombolô* (galo, em português- kolombolo, em kimbundu)?

- Yayá, tem *canjica* hoje?

- Maria, e aí, já deu a *dijina* (nome)? Já acabou a *quizila* (kijila- proibição em Kimbundu) ou ainda tá na *dicisa* (esteira, em português; dixisa, em kimbundu)?

- Ói, minina, não pegue em meu *mutué* (cabeça, em português; mutwe, em kimbundu), que o santo não deixa.

- Cumade, tem *mocotó* (tornozelo)?

- Bença, *Mameto* (nossa mãe, em Kimbundu). - Oxalá lhe dê juízo!

- Yayá, Tonhe morreu de quê? - *Fundanga* (pólvora em kimbundu)!

- Menino dos inferno, *quenda!!!!* (anda!- em português, Kwenda- em kimbundu).

E eu ia acompanhando mainha, provando tudo, e ia me familiarizando com a forma de falar do povo da feira. Sim, porque para a vida que eu levava, na sociedade urbana e burguesa, toda aquela dinâmica de pessoas pretas, falas, jeitos, costumes eram ‘coisas’ de quem vendia na feira. Me parecia um acampamento que só durava do alvorecer ao final da tarde dos sábados. Era um mundo à parte e específico, que sumia com a saída das lanchas e saveiros da ‘Baiana’.

A alegria me impressionava! O povo falava alto, assoviava, cantava, comia e muitas vezes tínhamos roda de Capoeira e/ou samba de roda. Ao final, sempre era passado o pandeiro para recolher as moedas e (dinheiros) trocados da assistência, claro. Nessa época a moeda corrente era o Cruzeiro (Cr\$), vale lembrar.

Esqueci de contar que à entrada da feira ficavam uns vinte adolescentes, meninos, pretos, cada um com seu balaio de sisal na mão e uma rodilha de pano de saco alvo, aguardando a chegada de alguma freguesa que fosse fazer feira e escolhesse o seu moleque\carregador.

Por onde andávamos éramos seguidas pelo carregador, com seu balaio na cabeça, que a cada compra de mainha tirava a rodilha, baixava o balaio para acomodar a nova aquisição. Eram filhos de feirantes, que trabalhavam assim, enquanto seus pais e avós vendiam suas mercadorias na feira. Mas sempre tinham alguns “capitães de areia” (como eram chamados os meninos em situação de rua, da época) que também buscavam um trocado.

Eles seguiam a freguesa por toda a feira e, ao final, levavam as compras até a casa da ‘patroa’.

Após descarregar o balaio, sob olhar atento da freguesa, se constatado que tudo estava intacto, sem machucados ou quebrado, recebia um “trocado” ao bel prazer da ‘dona’.

Claro que as freguesas que pagavam bem ao serviço prestado, na semana seguinte eram disputadas. Mainha era uma dessas. Além da gorjeta farta, ao chegar lá em casa, oferecia pão com manteiga, bolacha e café. E quando percebia a voracidade ao comer, dava mais um pão e dizia: quando acabar a feira, venha almoçar. E eles sempre vinham e, muitas vezes pediam pra botar o almoço numa lata de leite em pó, pra levarem pra casa.

Lá pelas 15h as lanchas buznavam, dando o primeiro sinal, num silvo longo e às 15h30 o sinal se repetia. Era um alvoroço para desarmar as barracas e recolher tudo que tinha sobrado, pra correr e pegar as lanchas e saveiros, antes do terceiro sinal, que era um silvo longo e três curtos, e ao final deles significava que as embarcações já haviam desatracado. Nessa época não existia o Sistema Ferry Boat, só implantado em dezembro de 1972 e que demorou um tempo para mudar a tradição do transporte de saveiros e lanchas.

4. Desdobramentos

Para mim essas lembranças são de muita emoção porque me impulsionaram a querer fazer parte de tudo aquilo que via, ouvia e amava. Toda aquela liberdade. Toda aquela diversidade. Tudo aquilo que fazia parte da minha ancestralidade e que me ‘chamava’ a participar.

Na adolescência, ainda frequentando a Feira do 2 de julho, consegui entrar na Capoeira e depois, ao me tornar adulta, entrar para o Candomblé e tomar consciência foi que percebi o quanto o quê, para mim, era uma imensa diversão e aprendizagens, era a exclusão de um povo. Um povo que plantava, colhia, mariscava, cozinhava, se arriscava em transportes clandestinos para garantirem suas sobrevivências, sendo mal remunerados, trabalhando de forma indigna e nos ensinando sua cultura, suas línguas, seus costumes, suas estéticas, seus estilos de vida. Eles abasteciam a capital baiana de vida africana!

Quanto devo a tantas e tantos! Sou eternamente devedora deles todes. E, ao tomar consciência de tanta injustiça, abracei todes que pude, lutei politicamente por ações afirmativas; reparações e, ainda hoje, brigo por uma educação afro-centrada e antirracista, e combate ao racismo religioso. *Nguzu!*

Só pra constar, sou uma soteropolitana com ascendência indígena, inglesa, africana (povo fulane) e portuguesa. E jamais desistirei de continuar vivendo, convivendo, aprendendo e lutando pelos meus povos pretos e indígenas, já que os europeus não precisam de minhas ações.